



01. Bailarina Anna Mariani , sem data
Foto: Herbert Duschenes / Acervo família Duschenes



02. Ensaio da coreografia Magitex (1978)
Foto: Acervo Centro Cultural São Paulo



03. Ensaio da coreografia Magitex (1978)
Foto: Acervo Centro Cultural São Paulo



04. Aula de dança para crianças na residência do casal, s/ data
Foto: Acervo família Duschenes



05. Exercício de exploração de movimento com barbante proposto por Maria Duschenes, sem data. Residência do casal no Sumaré
Foto: Acervo Centro Cultural São Paulo



06.



07.

Experimento de movimento Labaniano, s/data
Residência do casal no Sumaré
Foto: Acervo Centro Cultural São Paulo

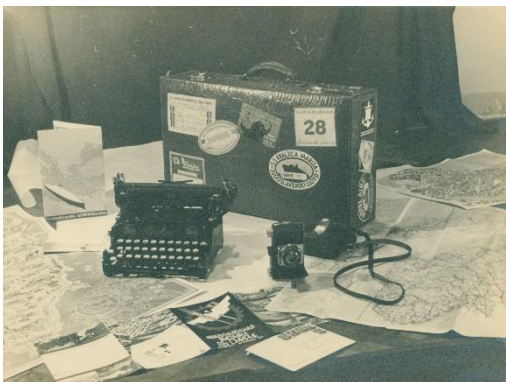


08.



09.

Imagens do espetáculo *Magitex* (1978), que contava com coreografia de Maria Duschenes e participação de bailarinos como Denilto Gomes, Juliana Carneiro da Cunha e J. C. Violla
Foto: Acervo Centro Cultural São Paulo



010.



011.

Montagem realizada por Herbert Duschenes para registro fotográfico
Foto: Herbert Duschenes / Acervo família Duschenes



012. Maria e Hebert Duschenes. Aniversário de 40 anos do casal em sua residência no Sumaré (1954)
Foto: Acervo família Duschenes



013. Família Duschenes reunida. No canto direito, Hebert e Maria; à esquerda, Ronaldo, filho do casal. Canadá (1951)
Foto: Acervo família Duschenes



014.



015.



016.



017.



018.

Maria Duschenes, sem data
Foto: Acervo família Duschenes



019. Maria Duschenes, sem data
Foto: Acervo família Duschenes



020.

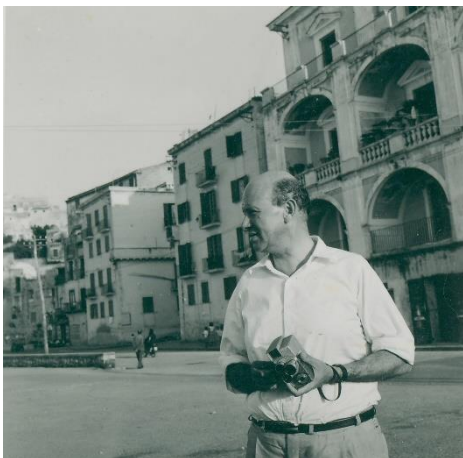


021.

Herbert Duschenes, sem data
Fotos: Acervo Centro Cultural São Paulo



022. Herbert Duschenes, sem data
Foto: Acervo família Duschenes



023.



024.

Herbert Duschenes, sem data
Foto: Acervo família Duschenes



025.

Herbert Duschene, sem data
Foto: Acervo família Duschene



026.

Herbert Duschene, sem data
Foto: Acervo família Duschene



027. Maria Duschene, sem data
Foto: Acervo família Duschene



028. Herbert Duschene, sem data
Foto: Acervo família Duschene

CARTAS (escritas, hoje, para os seus mestres por ex-alunos reconhecidos nas artes na atualidade)

Meu caro Herbert,

hoje, que sou mais velho do que você era quando nos conhecemos (lembro-me perfeitamente quando minha turma, a única formada por arquitetos e não de alunos de arte da FAAP, comemorou os seus 50 anos), tão cerca quanto você, embora meus cabelos e suarentos, pouco lhe dar uma ideia do impacto dos seus ensinamentos em minha vida, de como, desde que nossos caminhos se cruzaram em algum momento de 1976, você passou a me acompanhar cotidianamente, incorporado ao meu modo de agir, na vida, nas salas de aula, no modo como lanchei minhas exposições. Escrevo para que você tenha uma prova documental, menos impalpável do que meus frequentes pensamentos sobre você: um relato de como abreviei o muito que você e sua adorável Maria, sempre silenciosa e sorridente, ofereceram a mim e aos meus amigos, Ivanise, Beba, Beia, Evanildo, Fábio, Laura, Renice, Lucia, Patrícia, Jairo, Guile, Lyra, Rone, Carlão, Edu, Bolliger, outros mais, um vinho precioso que nos, intrinsecamente curiosos, servíamos satragamente na nossa antiga natureza dominical.

Era ainda o tempo da ditadura e naqueles anos quase todos nós atuávamos no movimento estudantil, defendíamos emocionados nossas convicções em defesa de uma sociedade mais justa, e também por conta do riuo que afinal, corriamos. E, em que pese as muitas limitações da nossa incipiente formação, já tínhamos consciência de que a vida, não só a vida política, almejavamos do tipo de liberdade praticada pelos artistas e que a famosa frase de Maria Kowky, "não há conteúdo revolucionário sem forma revolucionária, era uma dessas certezas inabaláveis. Mas tudo isso era vana fofa abstração, um sentimento difuso, sem outro objeto que não alguma música pop, nacional e internacional, livros de Borges, Cortázar e Garcia Marquez, um e outro filme mais desiludido que passava no Bijou e na Majestic, uma e outra ida à Bienal, de onde saíamos fascinados e confusos.

Foi você quem nos deu a informação tangível, objetiva, mais extraordinária do que imaginávamos. Assistimos hipnotizados, com a atenção colada nos seus comentários emitidos com forte e rara rascante sotaque alemão, dos ou três filmes, enriquecidos com as mais arragadas pélas musicais, surpreendentes para os nossos ouvidos, tão jovens mas já estofados de música tonal.

029. Carta Agnaldo Farias a Herbert (página 1)

Os grandes museus modernos e contemporâneos com suas pinturas, esculturas, instalações e seu público, a arquitetura de Maito Corbusier, Plano, um ballet de Alwin Nikolais filmado surpreendentemente, uma exposição de Dubuffet, a casa de Dali, visitada graças ao suborno de um guarda, o interior de uma pirâmide egípcia, uma viagem no Concorde, tudo isso e muito mais nos foi dado e animadamente discutido em seguida, sempre ao sabor de uma indetetível ciclo e de uns salgadinhos meio sem gosto e fainherentes que nos, acostumados com coxinhas e croquetes, julgávamos que deviam ser comuns e apreciados em sua Alemanha natal ou na Inglaterra, de onde em 1940 você se mandou para o Brasil.

Nosso repertório foi imensamente enriquecido pois eramos uma verdadeira esponja. Na qualidade de coordenador informal do grupo, beneficiei-me de visitas fora dos domingos, como o diz em que, orgulhoso, foi levar meu Trabalho de conclusão do curso em homenagem à você.

Mas entre todas as lições que recebi em sua casa a mais importante não tem a ver propriamente com lição ou arte, ainda tudo isso tenha sido decisivo para o caminho que segui. De todas suas lições a maior delas foi seu amor por nós, o seu e de Maria, o inextinguível e entusiasmado carinho com que vocês nos tratavam, como se fôssemos o sal da Terra, fora do comum, como se estivessemos destinados a grandes feitos.

Não querido Herbert, sempre tentei e sigo tentando retribuir a generosidade com que vocês dois nos abriram sua casa, seus corações e, junto com eles, os filmes, as danças, os livros e discos que vocês apresentavam como sendo a quintessência do espírito humano, a razão de ser de suas vidas e que vocês queriam que se convertessem na razão de ser das nossas. Dizia Hannah Arendt que os entes consideravam os amigos indispensáveis à vida, que uma vida sem amigos não era realmente digna de ser vivida. Porém não davam muito valor ao fato de se procurar um amigo quando se está com problema, mas sim quando se o busca para partilhar a alegria. Você, meu Herbert, é a água limpa da amizade. Do seu,
Agnaldo Farias fev/2016

030. Carta Agnaldo Farias a Herbert (página 2)

Caro Duschenes,
 São Paulo, 8/02/2016

Há em sua autobiografia um capítulo intitulado "Dicas para uma aluna minha, imaginária". Tendo sido sua aluna por um tempo que julgo curto demais, resolvi estender nosso contato me permitindo pensar que, de onde estivesse, você se dirigia a mim, que você ainda andava pelo mundo, em algum lugar inatingível, um reduto inocado pela delictéria loucura comunista que nunca contemplou seu olhar nem seus propósitos. Talvez um lugar exótico, mas não necessariamente. Afinal, a obviedade e o preconceito nunca foram seus defeitos. Você estaria filmando - isto não se discute - com a mesma lente que olhou para a humanidade com imenso afeto, como se esta fosse uma grande família, heterogênea nas aparências, mas, com o ser humano aninhado em seu centro, tão semelhante na sua capacidade de construir um mundo belo e bom por meio da arte.

Uma leitura mais atenta revela que não são dicas de viagem que você dá. Isto é para quem fez uma, duas, talvez uma dúzia de viagens na vida e voltou correndo para o conforto de casa ostentando uma erudição ou desenvoltura que de fato nunca possuiu. Você conta que fez vinte viagens quando ainda era estudante na Europa e cinquenta e oito tendo

031. Carta Paola Prestes a Herbert (página 1)

como ponto de partida o Brasil. Quase uma centena de viagens e nunca foi turista. A cada volta (que já incubava o periplo seguinte), trouxe e compartilhou coisas, seus afetos, muito mais do que dicas, pois sempre soube que viajar era a procura pelo outro e, consequentemente, o encontro com si mesmo, e que esse processo era um magnífico caminho para a formação e transformação; o passaporte para transcender a redutora mediocridade que nos aperta desde o dia em que nascemos.

Portanto, para mim, você sempre estará viajando. Diante das mudanças que o mundo tem passado, me peço esperando você retornar, projetar seu último filme e comentar o que viu sem ranço ou espanto pequeno-burguês, nada além de arrebatamentos. Teis para você, viver sempre foi uma bem-vinda experiência e o mundo sempre teve salvaguarda.

Assim, meu querido professor-cineasta, talvez seja essa a viagem que mais quero das suas aulas, a viagem interior que diz, sim, por que não tentar ir mais longe e, apesar de todas as dificuldades inerentes ao ato de viver, me convence que eu sou um ser possível, num mundo possível.

Um grande abraço,
 Paola Prestes
 (sua aluna nem tão imaginária...)

032. Carta Paola Prestes a Herbert (página 2)

Em 2016 / Foto Divulgação

Muito querida Dona Maria,
 foi, sonhando acordada, desde do seu
 lado a madrinha flores. No meio de
 caminhos o guarda: "Oi!" Oportunidade
 não precisou de companhia - a escada...
 os degraus de lembranças e
 jardim. E sempre ao fundo -
 ANOS DE MINHA VIDA.

Tenho muitos presentes que a
 senhora me deu: a poesia, a
 monografia, coragem, confiança,
 várias danças, aceitações. A
 biblioteca ao lado da sala. Com
 a senhora estudava. Todos os
 livros com marcações. As suas
 viagens de formação e tratamento
 nos atualizavam com o mundo.
 "Pensar dançando" a senhora
 dizia. Fascínio, transformações.
 sempre digo: parecia que eu!

033. Carta Lenira Rengel a Maria (página 1)

podia dançar em um espaço
 de 360°! UAU! Amiz@. Obrigada
 Sempre muitas vezes.
 Nosso jeito de sair para ver
 espetáculos; Polley direção o canal
 (a senhora confiava). Tínhamos
 desenvolvido, a senhora e eu, para
 caminhar, uma técnica...
 Quando a senhora morreu
 eu já tinha chorado a sua partida.
 A senhora mesmo me ajudou.
 Revisava: "Não dou mais aula
 com o Cláudio" "Estou ficando
 doente". "Vou embora para o
 Guarujá". Tudo em mim doía,
 mas fui ficando forte.
 Falei uma vez do Piciorário
 Laban. A senhora disse "Faca".
 Eu fiz e continuei fazendo danças
 com a senhora em
 mim! OBRIGADA Dona Maria
 Lenira

034. Carta Lenira Rengel a Maria (página 2)

2016 / Foto Divulgação

Esse existis pela metade que nunca vai se completar. Hoje, sua ausência me trouxe de assalto, minha existência, meu corpo prei som da cura na simples sinceridade do seu somno. Quando a gente terminava uma aula e a senhora dizia "Que lindo!" e aí nos descrevia as maravilhas de nossas danças, levantava tantas possibilidades que a vida parecia infinita.

Se eu pudesse ir até sua casa hoje acender de novo a chama do prazer ocioso da dança! Mas você partiu, foi para sua Torre de Açúcar, mergulhada no azul das ondas que a embalam. Com a imaginação e sentimento posso ouvir o sussurro do maré e sentir seu olhar aquecido de amor e aventura!

Com amor
Maria

(pág.2)

Oi O. Maria,

Hoje me deu uma vontade de ir a sua casa e fazer uma aula. lembrei que a senhora está viajando e eu então inventei um lugar, uma Torre de Açúcar onde meus pensamentos penetram e assim podemos conversar, conversar sobre as tantas coisas que vamos vivendo.

E então a imaginação flutuando sobre o mar, olhando em volta e tocando muito pela gente, elas e esses que saem voando pela vida fazendo as artes de criar, viajar e realigar!

A senhora aí nesta Torre e eu aqui pensa do no Hipercubo do Sabão! Acredita? Ando tendo um monte de insights! Prazeres de uma mente especulativa. Queria mostrar umas coisas, refletir aí no cantinho onde a senhora fica olhando nossas danças.

Mas hoje me deu essa vontade de ir até aí dançar! E então eu me perguntei porque não danço? Esqueci alguma coisa?

Os tempos são outros e meus olhos estão vendados do entristecer. Não há mais descanso nessa alma atormentada que estou. lembrei da sua sala de dança. Um lugar para ser sem medo, corações queridos in quietos e persistentes.

Queria lhe dizer que não, não foi em vão que senti despertar por suas mãos esse coração poeta sem pre na corda bamba.

(pág.1)